

O conceito de segurança nacional é amplo, mas o objetivo é a proteção suprema e incondicional do território e do povo brasileiro. Não se trata apenas de armas e tropas, mas também, por exemplo, no controle dos meios de produção de alimentos, energia e medicamentos, entre tantos outros. O importante é notar que os investimentos que uma nação faz na sua própria segurança mostram o tipo de imagem e o grau de respeito que ela tem por si mesma.

Nessa área, os investimentos brasileiros estão muito aquém da importância geopolítica do Brasil no Continente e no Mundo. Crises eventuais, como essa recente no setor aéreo, ou as crônicas, como a vulnerabilidade na Amazônia e nas fronteiras marítimas e terrestres, servem de exemplo e são um alerta à Nação.

Esse desinteresse no principal tema político de qualquer país que se preze, talvez se deva ao longo período colonial, quando era considerado crime hediondo possuir ou fabricar armas no Brasil, e também à nossa origem religiosa que impunha ao povo sentimentos de culpa e de admiração à imagem da pobreza resignada, estereótipos da humildade Cristã que esmagam nossa auto-estima, nosso projeto de vida e de nação.

O país parecia adotar por osmose a política externa portuguesa, nação de pequena área e população comparada às potências européias e, portanto, sem outra opção viável senão o incômodo, mas seguro alinhamento com uma potência mais forte.

Assim, o Brasil, por séculos, renunciou a grandeza que seu território e população lhe conferem. Isso é um descaso imperdoável. Os que conhecem a Bíblia se habituaram com o nome Senhor dos Exércitos e sabem que Israel, a nação escolhida, se desenvolveu ao redor de seu exército, que se formou na libertação da escravidão no Egito e marchou para a conquista da Terra Prometida.

As forças armadas de um país prestam não só o papel de defendê-lo mas de mostrar ao mundo o quanto esse país acredita em si mesmo e está disposto a lutar pelos direitos do seu povo. Investir na formação de uma indústria de defesa nacional é estratégia fundamental e insubstituível no desenvolvimento de um projeto de nação que ainda nos falta.

O investimento nos programas de reaparelhamento da Marinha, Exército e Aeronáutica, bem como na formação e aperfeiçoamento de seus quadros, é a garantia de que o Brasil acredita na grandeza de seu destino e pode oferecer segurança a tantos quantos aqui vivem ou aqui queiram investir.

Nosso programa, por exemplo, de desenvolvimento nuclear para fins pacíficos, que inclui todas as fases de enriquecimento do urânio – somos a sexta maior reserva do mundo – e no futuro a construção de reatores para propulsão de submarinos atômicos, não pode sofrer atrasos.

É bom lembrar que na área da pesquisa e desenvolvimento, a indústria mundial de defesa não só desenvolve armas, mas contribui para o avanço tecnológico da humanidade, como são exemplos a Internet, o forno micro-ondas, o GPS (Global Positioning System), um sistema preciso de localização espacial, levantamentos topográficos e geodésicos, que

consistem na recepção de sinais emitidos por uma série de satélites e tornaram a bússola coisa do passado, e até pelo inocente velcro.

Tenha consciência, caro leitor, de que vivemos num mundo com grande influência do mal e que o próprio Cristo nos alertou a vigiar e orar. Não podemos, sob hipótese alguma, abrir mão de nossa soberania e segurança, conceitos que devem ser prioritários no projeto de nação que desejamos construir para o Brasil.

**Senador da República pelo PRB – RJ, líder de seu partido no Senado Federal e vice-líder do bloco de apoio ao Governo.*

